



O ESTADO DA ARTE DO CONCEITO VIRIARCADO NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

The State Of The Art Of The Viriarcate Concept In The Context Of Gender Violence

Janete Gonçalves Evangelista^{1*}

RESUMO

A violência contra as mulheres e a população LGBT+ há tempos configura-se como uma questão de saúde pública. No contexto da pandemia, em decorrência do Covid-19, esse problema agravou-se. Um sistema que mantém esse tipo de violência, dentre outras, a chamada violência de gênero, é o patriarcado, ressignificado aqui como viriarcado. Assim, a partir de uma revisão de literatura não sistematizada denominada estado da arte, sob a perspectiva da pesquisa qualitativa e da educação em saúde, este artigo tem por objetivo compreender como o conceito de viriarcado é abordado na literatura que discute a construção das masculinidades, no contexto da violência de gênero. Foram encontrados 111 documentos e analisados 65. Os resultados indicaram que o conceito é abordado como sinônimo e como dialética do termo patriarcado. É compreendido como sistema de opressão masculina, a partir de uma hegemonia da virilidade que não perpassa somente ao ideário do pai, do chefe de família. Assim, sob a ótica da relação social de gênero e dos estudos sobre masculinidades, esse sistema acaba por oprimir não somente mulheres e pessoas LGBT+, mas também os próprios homens.

Palavras-chave: Viriarcado; Patriarcado; Violência de Gênero; Masculinidades; Estado da Arte.

ABSTRACT

Violence against women and the LGBT+ population has long been a public health issue. In the context of the pandemic, as a result of Covid-19, this problem has worsened. A system that maintains this type of violence, among others, the so-called gender violence, is patriarchy, re-signified here as viriarchy. Thus, from a non-systematized literature review called state of the art, from the perspective of qualitative research and health education, this article aims to understand how the concept of viriarchy is approached in the literature that discusses the construction of masculinities, in the context of gender violence. 111 documents were found and 65 were analyzed. The results indicated that the concept is approached as a synonym and as a dialectic of the term patriarchy. It is understood as a system of male oppression, based on a hegemony of virility that does not only permeate the ideals of the father, the head of the family. Thus, from the perspective of the social relationship of gender and studies on masculinities, this system ends up oppressing not only women and LGBT+ people, but also men themselves.

Keywords: Viriarchy; Patriarchy; Gender Violence; Masculinities; State of art.

1. Instituto René Rachou/Fiocruz Minas

*Autor para correspondência: janetefiocruz@gmail.com



INTRODUÇÃO

Segundo dados da Rede de Observatório da Segurança¹, pelo menos cinco mulheres foram assassinadas por dia no país em 2020, em sua maioria, crimes praticados por companheiros, ex-companheiros ou pretendentes. Tais casos de feminicídio têm aumentado ao longo do tempo, tendo se agravado durante a pandemia de Covid-19, cujo crescimento superou anos anteriores. O maior crescimento ocorreu em estados das regiões Norte e Centro-Oeste. Nessa mesma esteira, o número de denúncias de violências contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexo, assexuais, dentre outras identidades (LGBT+), em 2020, dobrou em relação a 2019¹. E, apesar do número geral de assassinatos ter diminuído, as mortes de pessoas trans e travestis aumentou, sendo o grupo mais vulnerabilizado neste segmento².

Esse cenário violento aponta para violências ligadas aos gêneros que, há tempos, configura-se como uma questão de saúde pública². No contexto da pandemia, em decorrência da Covid-19, esse problema agravou-se³, seja pela expansão do tempo em casa, onde a maioria dos agressores estão, seja pela mudança de vínculos, como trabalho e escola, que expõe as vítimas a mais contextos de violência. É nessa cultura que os homens, responsáveis por esse tipo de violência, são educados e constroem suas masculinidades.

Uma importante concepção identificada na literatura e que apresenta possibilidades de compreender esse contexto de violências é o conceito de viriarcado. Trata-se de um neologismo para tentar ampliar e desconstruir o debate acerca da complexidade semântica e etimológica que envolve o patriarcado. Christine Delphy⁴, ao discutir as teorias do patriarcado, afirma que não é só o pai que exerce esse papel e influência nas diferentes culturas patriarcais. Esse lugar pode ser ocupado pelo tio, pelo primogênito, ou por outros homens que acabam por exercer sua masculinidade como forma de opressão às mulheres sob sua tutoria. Assim, poderíamos inferir que o termo viriarcado assumiria uma relação entre o patriarcado, as masculinidades e a virilidade. O termo poderia ser entendido também como um sistema de dominação e opressão nas relações de gênero, ou até mesmo como um sistema sociopolítico⁴.

Diante dessa perspectiva analítica, algumas questões emergiram da realidade apresentada, como: Quais vozes discutem o viriarcado? De onde elas estão falando? Ele é um conceito que faz sentido ser discutido, utilizado? Quais as contribuições possíveis para a prevenção e combate à violência de gênero? Nesses termos, este artigo apresenta um estudo de revisão do estado da arte, buscando compreender o

conceito de viriarcado na literatura que discute o feminismo e a violência de gênero, entre 1985 e 2020. Para buscar respondê-las e alcançar o objetivo proposto, adotamos a técnica de revisão de estado da arte, também denominada revisão narrativa. Por não ser classificada como revisão sistemática e, portanto, ser mais ampla e proporcionar maior flexibilidade na busca, esta revisão pode contribuir para uma interpretação crítica dos estudos pesquisados, sob um ponto de vista teórico ou contextual⁵.

MÉTODOS

O estudo foi realizado a partir do mapeamento e discussão de conceitos, ideias e reflexões divulgadas pela produção científica acerca de um determinado assunto, no caso aqueles relacionados ao viriarcado, em um tempo específico. A tessitura do conhecimento vai se estruturando a partir das publicações selecionadas, criteriosas e de cunho bibliográfico, que compõem o amplo panorama do estado da arte. Especialmente quando falamos do conceito de viriarcado, realizar um estado da arte significa também auxiliar no mapeamento e divulgação das pesquisas que o utilizam como pilar teórico-metodológico, visando compreendê-lo de forma mais sistematizada e embasada nos contextos das investigações científicas.

O emprego do estado da arte implica em inventariar os estudos realizados que referem o conceito de viriarcado. No entanto, não significa somente elencar as pesquisas, mas apontar as lacunas existentes e vislumbrar caminhos possíveis de investigações futuras. Ademais, o estado da arte possibilita a elucidação da trajetória da temática nos estudos publicados, compreendendo suas transformações, seus enfoques, suas rupturas e demais movimentos concernentes à ciência⁶.

Desse modo, para esta pesquisa sobre viriarcado, adotamos percursos orientados por Terezinha Vilas Boas e colaboradoras⁶. No primeiro momento, buscou-se pelo termo viriarcado nas seguintes bases: Portal de Periódicos Capes/MEC; *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); *Latin American and Caribbean Health Science* (LILACS); Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). As 142 produções encontradas, além das 02 incluídas manualmente, foram catalogadas em uma planilha do programa Microsoft Excel 2010, com informações sobre título, autoria, local de publicação, idioma, ano de publicação, tipo de publicação, resumo, referência. O segundo passo da pesquisa foi por meio de buscas nos portais Google Acadêmico e outras bases não

¹ Disponível em: http://observatorioseguranca.com.br/wp-content/uploads/2021/03/REDE-DE-OBS_ELASVIVEM-1.pdf

² Dados disponíveis em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/relatorio-de-violencia-contra-lgbts-mostra-queda-nas-mortes-por-homofobia-em-2020/>. Acesso em: 1 jun. 2022.

indexadas como: teses e dissertações, trabalhos publicados em anais de congressos, fontes de divulgação de informações (revistas, sites, vídeos e outros). Os critérios estabelecidos para a inclusão dos estudos foram: que contenham em seus títulos ou resumos referência ao conceito de viriarcado, que discutam o conceito viriarcado; que se encontram no contexto da violência de gênero, buscando responder à questão norteadora. Já como critérios de exclusão definimos aquelas produções que somente citavam o termo, mas sem discussão e aquelas que tratavam da temática em outros contextos. Tais achados resultaram em 64 publicações selecionadas. Os dois caminhos foram escolhidos por meio de referências cruzadas dispostas nas produções selecionadas no primeiro momento. O recorte temporal foi definido a partir da primeira publicação que utiliza o termo⁷, de 1985 até 2021 (passo 3). Isso também possibilitou compreender, ao longo do tempo, como o conceito de viriarcado foi abordado nas produções científicas. Para a realização do momento 4, foi feita uma leitura flutuante de todo material selecionado, bem como análises preliminares dos textos, de modo a evidenciar alguns aspectos que se destacaram acerca do viriarcado como conceito balizador nas produções. A esse momento seguiu-se outro em que a equipe analisou outras relações teórico-conceituais no conjunto de trabalhos selecionados, abrangendo o tópico de estudo. Por fim, a sistematização foi realizada a partir de categorias e apresentado nas próximas seções deste artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O viriarcado é um termo derivado do patriarcado compreendido por Delphy⁴ “como o poder dos homens, sejam eles pais ou não, que as sociedades sejam patrilineares, patrilocais ou não, que a opressão das mulheres constitui um sistema, datados historicamente”. Refere-se à ideologia da supremacia do homem, que transcende a figura do pai e resulta das mudanças nas relações sociais atravessadas pelos sexos, especialmente naquelas sociedades contemporâneas industriais.

O caminho metodológico possibilitou inventariar as produções sobre viriarcado, cuja síntese está apresentada na **Tabela 1**.

Tabela 1: Síntese do mapeamento da literatura segundo conceito viriarcado.

Seleção dos estudos	Nº
Busca eletrônica e inserção manual	111
Incluídos	65
Excluídos	46

Fonte: Elaborada pelos autores

Realizamos o processo de busca em todas as bases citadas e com as combinações propostas na metodologia. Entretanto, não houve resultado em nenhuma delas. Identificamos então que o termo viriarcado e nem mesmo patriarcado não estavam indexados na base de descritores. Nesse sentido, optamos por realizar uma busca livre, somente com o termo viriarcado, já que ele é o centro da nossa questão norteadora. Em consequência, abdicamos de uma revisão sistemática, no sentido de ampliar o alcance aos estudos que discutem o conceito.

Foi surpreendente a variedade do material encontrado, bem como a diversidade dos contextos em que o termo viriarcado é discutido, tendo seus estudos originários de diferentes campos do conhecimento, ver **Tabela 2**.

Tabela 2: Distribuição dos trabalhos selecionados segundo ano e perspectiva de estudo.

Diniz, C.P.S.; Welzer-Lang, D.; Guinot, S., 2021	Masculinidades, Gênero e Sexualidade
Tokuda, A.M.P., 2021	Masculinidades
Antúñez, D., 2020	Masculinidades, Gênero e Sexualidade
Nascimento, M.A.N., 2020; 2015; 2010; 2010a; 2010b; 2007	Gênero e Estudos Culturais
Soares, M., 2020	Gênero e Sexualidade
Rangel, A.G.S.S., 2020	Violência de Gênero
Silva, A.S.X., 2020	Arte e Literatura
Azereido, R.F., 2020	Gênero e Sexualidade
Carvalho, L.G., 2019	Arte e Literatura
Miranda, G.G., 2019	Estudos Culturais
Azevedo, S.F.L., 2019	Jurídica
Campelo, M.H.R., 2019	Gênero e Educação
Silva, M.A., 2019	Masculinidades e Estudos Culturais
Miranda, B.W., 2019	Violência de Gênero
Eichenberg, F., 2019	Masculinidades
Leal, L., 2018	Masculinidades e Educação
Brezezinski, M.R., 2018	Violência de Gênero e Educação
Falquet, J.; Santiesteban, N., 2018	Gênero
Ramos, J., 2018	Gênero e Sexualidade
Lisboa, P.N., 2018	Violência de Gênero
Sanfelice, M.M., 2018	Masculinidades
Santana, F.X.S., 2018	Gênero e Sexualidade
Paulino, S.C., 2018	Arte e Literatura
Vogel, L.H., 2018	Violência de Gênero
Silva, G.L.C., 2017	Masculinidades
RONDINI, C.A, Et Al., 2017	Gênero e Sexualidade
Rebollal Samprón, T., 2017	Gênero
Batista, K.S.A; Lima, A.F., 2017	Masculinidades
Barrera Téllez, A.M., 2017	Gênero
Barros, S.C., 2016; 2015	Arte e Literatura

Diehl, B.T, 2016	Jurídica
ANDRÊO, C, Et Al., 2016	Gênero e Sexualidade
Lages, V.N, 2016	Violência de Gênero e Sexualidade
Mendonça, C.T, 2015	Jurídica
Monteiro, P.M; Cortivo, R.A, 2015	Arte e Literatura
Martins, P.M, 2015	Gênero e Sexualidade
Rego, F.C.V.S, 2015	Gênero e Sexualidade
Marcel, A.A, 2015	Violência de Gênero
Buzzi, A.C.M, 2014	Violência de Gênero
Andrêo, C, 2014	Masculinidades
Toledo, L.G 2013	Gênero e Sexualidade
Vedan, R.M, 2013	Masculinidades
Oliveira, L.S, 2012	Violência de Gênero
Santos, M.C.C, 2012	Masculinidades
Teixeira-Filho, F.S; Rondini, C.A, 2012	Gênero e Sexualidade
Carvalho, S., 2012	Teorias Queer e Jurídico
Garcia, R., 2012	Gênero e Sexualidade
Cavalcante, S.M.P, 2012	Violência de Gênero
Freitas, J.D.A, 2011	Arte e Literatura
Sousa, M.C.L, 2011	Jurídica
Passos, H.R, 2010	Violência de Gênero e Saúde
Toledo, L.G; Teixeira-Filho, F.S, 2010	Gênero e Sexualidade
Dias, T.J.O, 2009	Masculinidades
Louzada, F., 2009	Jurídica
Viana, F.C, 2008	Informação e Comunicação
Cruz, M., 2008	Arte e Literatura
Welzer-Lang, D., 2002; 2001	Masculinidades
Saffioti, H.I.B, 1999	Gênero

Fonte: Elaborada pelos autores

A Tabela 2 apresenta os estudos selecionados (65), de acordo com os critérios de inclusão e exclusão definidos a priori. Observou-se uma concentração de publicações nos anos de 2018 e 2019 (16) e apenas 01 antes dos anos 2000. Mesmo o termo viriarcado tendo sido adotado pela primeira em 1985, os estudos encontrados foram mais recentes, sendo o mais antigo 1999.

Consideramos importante destacar a perspectiva dos estudos encontrados, pelo fato de podermos relacionar, de onde estão falando e o contexto em que o conceito é desenvolvido. Nesse sentido, a maior parte dos estudos são analisados sob a perspectiva dos estudos de gênero, violência de gênero, masculinidades e gênero e sexualidade.

Os documentos selecionados foram analisados a partir da análise de conteúdo, pautados pela questão norteadora e tendo como categoria geral a concepção de viriarcado como sistema de poder viril sobre as mulheres e a comunidade LGBTQ+. Assim, essa categoria foi desmembrada

e compreendida como: (a) dialética do patriarcado; (b) construção e desconstrução de modelos heteronormativos; (c) resistência frente ao sistema de opressão sexista; (d) relações sociais de gênero.

Os estudos selecionados, em sua maioria, discutiram o conceito de viriarcado a partir da concepção adotada por Mathieu⁷. Assim, esta autora foi a base matricial para os demais, conforme síntese apresentada na **Tabela 3**.

Tabela 3: Dialética do Patri(viri)arcado

Autores matriciais	Abordagens do conceito viriarcado
Nicole-Claude Mathieu (1985)	Poder dos homens sobre as mulheres, sejam eles pais ou não. Considera o conceito de patriarcado como insuficiente.
Cristine Delph (2009)	Análise histórica e crítica do patriarcado, sistema de opressão às mulheres.
Heleith Iara Bongiovani Saffioti (1999)	Caráter mais político falocracia, androcentrismo e a síntese dialética se expressa no conceito de gênero
Daniel Welzer-Lang (2001)	Dominação masculina sexista e homofóbica

Fonte: Elaborada pelos autores

Nesses termos, as abordagens imputadas ao conceito de viriarcado e adotadas como referência para as abordagens dos autores amostrais foram:

Mathieu⁷ adota o termo viriarcado por entender que o conceito de patriarcado já não se sustentava mais, era insuficiente. Assim, a autora compreende o viriarcado como o poder dos homens, sejam eles pais ou não, que as sociedades sejam patrilineares, patrilocais ou não.

Delphy, fundamentou-se nos estudos do pensamento feminista, acerca do conceito de patriarcado e em uma crítica a ele, que era até então compreendido como:

o(s) sistema(s) que oprime(m) as mulheres” e passou a defender o uso do termo viriarcado. Isso porque “em certas sociedades, o marido e o pai são distintos: é o tio materno que detém a autoridade “paterna” sobre os filhos nas famílias”. Nesse sentido, o conceito de viriarcado adotado pela autora é aquele “compreendido como a dominação dos homens, quer sejam eles pais biológicos ou não⁴.

Saffioti⁹ discute o viriarcado no contexto do debate sobre gênero. No entendimento dessa autora, o viriarcado encontra-se semelhante ao termo patriarcado, configurado como androcentrismo, e falocracia. Assim, “este ponto é extremamente relevante, uma vez que gênero deixa aberta a

possibilidade do vetor da dominação-exploração, enquanto os demais termos marcam a presença masculina neste polo”.

Welzer-Lang¹⁰ utiliza o conceito de viriarcado a partir das definições de Mathieu⁷ e Delphy⁸. **Marcador não definido.** Sua análise parte também das relações sociais de sexo e compreende o conceito de viriarcado como o poder dos homens sobre as mulheres, sob a perspectiva da construção das masculinidades de um homem viril, ativo e dominante e homofóbico^{9, 7, 4}.

Apesar de muitos dos estudos revisados abordarem o conceito de viriarcado com sinônimo do patriarcado, identificamos que tantos outros não o concebiam da mesma forma. Assim, nesses casos e também nas obras matriciais, sua abordagem se dava como uma ideia de movimento na história e no espaço. Isso porque foi analisado que o viriarcado foi apresentado pelos autores como uma expressão dialética do patriarcado. Ou seja, como uma antítese e síntese da ideia de poder somente dos homens sobre as mulheres. Assim, predominou seu uso como expressão de sentido semelhantes ao de patriarcado em vários textos. Entretanto, em tantos outros apresentou-se uma crítica a ele. E, em outros tantos, surge como uma síntese, no sentido de superação, avanço, decorrente da crítica inicial.

Um fato interessante observado nas análises dos estudos selecionados é que vários autores utilizaram como referencial teórico um texto de Bourdieu¹⁰ intitulado “Dominação Masculina”. Apesar de não adotar o termo viriarcado, os autores utilizaram seus estudos para discutir a dominação dos homens sobre as mulheres. Entretanto, sua tese foi refutada por Mathieu que entendia que não havia uma condição de subordinação das mulheres perante os homens e sim um sistema de opressão¹¹.

Nesses termos, no contexto dos estudos sobre violência de gênero e presentes na construção das masculinidades, identificamos que os autores dos estudos selecionados abordaram o conceito de viriarcado como fundamento para se discutir o patriarcado. Isso, como sistema de opressão nas relações sociais de gênero, onde há poder dos homens não somente sobre as mulheres, mas também sobre as crianças e todos os que não se enquadram no padrão normativo da virilidade masculina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Viriarcado foi discutido nos documentos analisados como a primazia do homem, a supremacia do homem sobre a mulher, um sistema de opressão masculina que afeta também as crianças e as pessoas LGBTQ+. Entretanto, essa hegemonia da virilidade como condição única de ser homem impacta também os próprios homens. Sobre isso, Olivia Gazalé, em uma entrevista concedida a

Encheiberg¹², onde ela afirma que o mito da virilidade é uma armadilha para todos. Destaca ainda que, para alterar esse contexto, os homens precisariam reinventar sua masculinidade.

Entendemos que o estado da arte do conceito de viriarcado na literatura pode contribuir para o complexo debate acerca do conceito de patriarcado, utilizado desde o século XIX, bem como avançar nas compreensões do sistema de opressão que, independentemente do termo ou conceito, assola as mulheres e a comunidade LGBTQ+ há tempos e em diversas sociedades.

Além disso, pode também deixar reflexões acerca de padrões sexistas e opressores que resultam em violências de gênero e que devem ser combatidas.

Assim, sob a perspectiva da Educação em Saúde, com foco na prevenção e na promoção da saúde, esperamos colaborar com mudanças em padrões comportamentais de jovens acerca das masculinidades fundadas na virilidade, no viriarcado. O que significa pensar em práticas de Educação em Saúde como um caminho para transformação de comportamentos perpetrados, com o intuito de buscar desviar rotas pré-determinadas e impostas pela cultura patriarcal.

REFERÊNCIAS

- 1 - Mercuri, I. Denúncias de crimes de homofobia dobra em 2020 em relação ao mesmo período de 2019. **Olhar direito**, 2020. Disponível em: <<https://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=470637&edicao=1>>. Acesso em: 1 jun. 2022.
- 2 - Dahlberg, L. L., Krug, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2006, 11, 1163-1178. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- 3 - Marques, E. S., Moraes C. L., Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F., et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, 2020, 36, e00074420. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>.
- 4 - Delphy, C. Patriarcado (teorias do). In: Hirata, H., Laborie, F., Doaré, H. L., Senotier, D. (Orgs.), *Dicionário Crítico do Feminismo*. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 173-178.
- 5 - Rother, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, jun. 2007, v. 20, n. 2, p. v-vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- 6 - Vilas Boas, T. R., Kallhil, J. B., Coelho Filho, M. S. O estado da arte de metodologias da produção científica sobre a formação do professor do ensino de ciências com enfoque CTS. *REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática*, 2018, v., 6, n. 1, p. 65-85. <https://doi.org/10.26571/REAMEC.a2018.v6.n1.p65-86.i5958>
- 7 - Mathieu, N. C. Quand céder n'est pas consentir, des déterminants matériels et psychiques de la conscience dominée des femmes, et des quelques-unes de leurs interprétations en ethnologie. In: L'

Arraînement des Femmes, essais en anthropologie des sexes. Paris: EHESS, 1985. p. 169-245.

8 - Saffioti, H. I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. A violência disseminada. São Paulo em Perspectiva, 1999, dez., v. 13, n. 4, p. 82-91. <https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000400009>

9 - Welzer-Lang, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Revista de Estudos Feministas, 2001, v. 9, n.2, p. 460-491. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>

10 - Bourdieu, P. A Dominação Masculina. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. Do original La Domination Masculine, 1998.

11 - Falquet, J. História do Coletivo Cabahee River. Lutas Sociais, 2018, v. 22, n. 40, p. 124-137. <https://doi.org/10.23925/ls.v22i40.46660>

12 - Eichenberg, F. Futuro do feminismo depende da reinvenção masculina. Entrevista concedida por Olívia Gazalé a Fernando Eichenberg. Ilustríssima – **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/03/futuro-do-feminismo-depende-de-reinvencao-de-masculinidade-afirma-autora.shtml>>.

ANEXO

RELAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS PARA A REVISÃO

Andréo, C. Masculinidades e violências em narrativas de vida de jovens em conflito com a lei. [Dissertação]. Assis: Universidade Estadual Paulista, 2014, 156p.

Andréo, C. Peres, W. S. Tokuda, A. M. P. Souza, L. L. Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 2016, v. 16, n. 1, p. 46-67.

Azereido, R. F. A questão do suicídio da população LGBT: uma compreensão fenomenológica existencial. Revista Latinoamericana de Psicoterapia Existencial. Un enfoque comprensivo del ser, 2020, abr., n. 20, p. 30-38.

Azevedo, S. F. L. A ética da monogamia e o espírito do feminicídio: marxismo, patriarcado e adultério na Roma Antiga e no Brasil Atual. História (São Paulo), 2019, v. 38, p. 1-19. <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2019053>

Barros, S. C. Cinema Queer Latinoamericano: diálogos e entrelaçamentos em gênero e (homo)sexualidades por meio dos filmes “Plata Quemada” e “Morango e Chocolate”. Revista de Estudos & Pesquisas sobre as Américas, 2015, v. 9, n. 2, p. 1-39.

Barros, S. C. XXY: diálogos e entrelaçamentos sobre corpo, gênero e sexualidades no cinema argentino. Revista Ártemis – Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades, 2016, v. 21, n. 1, p. 1-15.

Batista, K. S. A. Lima, A.F. Por uma implicação política e conceitual nos estudos sobre homens, masculinidades e violência de gênero. Semina: Ciências Sociais e Humanas, 2018, jul./dez., v. 38, n. 2, p. 175-188.

Buzzi, A. C. M. Feminicídio e o Projeto de Lei n. 292/2013 do Senado Federal. [Monografia]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. 101p.

Campelo, M. H. R. As Contribuições da Educação Biocêntrica para a Igualdade de Gênero / Contributions of Biocentric Education for Gender Equality. ID on line. Revista de psicologia, 2019, mai., v. 13, n. 45, p. 149-170. <https://doi.org/10.14295/idonline.v13i45.1704>

Carvalho, L. G. A robô mulher no filme Ex-Machina: diálogo entre mitos femininos: Eva, Pandora e Galateia, permeando séculos. [Dissertação]. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2019. 81p.

Carvalho, S. Sobre as possibilidades de uma criminologia queer. Sistema Penal & Violência, 2012, v. 4 n. 2: Dossiê: Criminologia Crítica e Criminologia Cultural.

Cavalcante, S. M. P. Violência contra a mulher e autonomia financeira: uma avaliação do atendimento do Centro de Referência Francisca Clotilde de Fortaleza/Ceará. [Dissertação]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2012. 192p.

Cruz, M. Educação e masculinidade na produção jornalística e literária de Bernardo Guimarães (1852-18823). [Dissertação]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. 106p.

Dias, T. J. O. A Construção do Masculino em Discursos Midiáticos: as identidades no espaço discursivo das revistas masculinas. [Tese]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009. 202p.

Diehl, B. T. Juridicização da vida frente à violência doméstica e familiar contra a mulher: um olhar educativo para as políticas públicas de prevenção e de erradicação da violência. [Tese] Ijuí: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2016.

Diniz, C. P. S. Welzer-Lang, D. Guinot, S. Masculinidades e violência entre parceiros íntimos: um enfoque relacional. PsicolArgum, 2021, jan./mar., 39(103), p. 123-134. <https://doi.org/10.7213/psicologum.39.103.AO06>

Freitas, J. D. A. “A gaiola”- identidades femininas no conto de Augusta Faro. Diadorim, 2011, jul., v. 9, p. 61-70.

Garcia, R. A experiência de estigma e discriminação em homem que faz sexo com homens (HSH) vivendo com HIV. [Dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012. 153p.

Lages, V. N. Violência lgbtfóbica: uma análise do Caso Levy Fidélis e de decisões cíveis dos Tribunais de Justiça do Brasil. [Monografia]. Brasília: Universidade de Brasília, 2016. 109p.

Louzada, F. Violência de gênero e crime passional: um estudo do caso Nirvana. [Dissertação]. Belém: Universidade Federal do Pará, 2009. 172p.

Marcel, A. A. Gênero e tráfico internacional de pessoas em Mato Grosso. [Dissertação]. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2015.

Martins, P. M. Tribadismos na prisão: apagamentos e multiplicidades do cárcere em documentos oficiais que regulam os direitos humanos das lésbicas à visita íntima. [Dissertação]. Goiânia: Universidade Federal de Goiânia, 2015. 100p.

Mendonça, C. T. Debate de gênero e de direitos: o projeto de extensão Promotoras Legais Populares/DF como instrumento de transformação social. [Monografia]. Brasília: Universidade de Brasília, 2016. 87p.

- Miranda, G. G. *The Handmaids Tale: cultura machista e a desapropriação do corpo feminino*. [Monografia]. Palmas: Centro Universitário Luterano de Palmas, 2019. 56p.
- Monteiro, P. M. Cortivo, R. A. A crítica social pelo viés do narrador em “As mulheres que meu pai amou”, de Fátima Bettencourt. Belém: XIV Congresso Internacional ABRALIC, 2015, jun./jul. Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias, p. 1-11.
- Nascimento, M. A. N. Homossexualidades e homosociabilidades: hierarquização e relações de poder entre Homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBTT. [Dissertação]. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2007. 215p.
- Nascimento, M. A. N. Sobre mídias e eventos GLS no interior paranaense: reflexões sobre a produção de flyers temáticos. *Revista Extraprensa*, 2010, v. 3, n. 3, p. 275-286.
- Nascimento, M. A. N. Silva, E. M. B. Reis, J. A. Cardoso, J. M. Paisagens psicossociais cinematográficas de uma infância trans: Análise cartográfica filmica de Tomboy. *REBEH*, 2020, v. 3, n. 9. p. 268-287. <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2020.9.10208>
- Nascimento, M. A. N. Corpos (con) sentidos: cartografando processos de subjetivação de produto(re)s de corporalidades singulares. [Tese]. Assis: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015. 265p.
- Nascimento, M. A. N. Ladrão sim, bicha nunca: Práticas homofóbicas entre adolescentes masculinos em uma instituição socioeducativa brasileira. *Educação, Sociedade & Culturas*, 2010, n. 31, p. 67-81.
- Nascimento, M. A. N. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo? *Athenea Digital. Revista de pensamento e investigação social*, 2010, mar. n. 17, p. 227-239. <https://doi.org/10.5565/rev/athenead/v0n17.652>
- Oliveira, L. S. Violência e luta por direitos no capitalismo contemporâneo: crítica à configuração do atendimento às mulheres no Rio Grande do Norte. [Dissertação]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012. 193p.
- Passos, H. R. Conhecendo a rede de apoio a mulher vítima de violência do município de Belo Horizonte. [Monografia]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 37p.
- Paulino, S. C. Tecendo e destecendo: as representações femininas nos contos de fadas da tradição e de Marina Colasanti. [Tese]. Duque de Caxias: Universidade do Grande Rio, 2018. 240p.
- Rangel, A. G. S. S. Das violências domésticas e familiares ao feminicídio: a percepção dos profissionais que atuam nas políticas públicas de enfrentamento às violências contra as mulheres em Ponta Grossa/PR, de 2017 a 2018. [Dissertação]. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2020. 22p.
- Rebollal, T. S. Avaliação do Programa de Tratamiento a Maltratadores no Centro Penitenciário de Castellón II desde a Perspectiva de Género. [Dissertação]. Castelló: Universitat Jaume I, 2017. 52p.
- Rego, F. C. V. S. Viver e esperar viver: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans. [Dissertação]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. 188p.
- Rondini, C.A. Filho, F. S. T. Toledo, L. G. Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. *Psicologia USP*, v. 28, n. 1, p57-71. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140011>
- Santana, F. X. S. “Aqui a gente respeita a condição de cada um, é diferente do que dizer que tá apoiando, que tá namorando”: discursos de uma equipe gestora sobre diversidade de gênero e sexual. [Dissertação]. Jequié: Universidade Federal do Sul da Bahia, 2018. 124p.
- Santos, M. C. C. Eu ser um homem feminino não fere meu lado masculino: percepções e socializações nos grupos reflexivos de gênero para homens. [Dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. 124p.
- Silva, A. S. X. O demônio da sexualidade: perversão, desvio e medicalização em Eudemônia e A volúpia do pecado, de Cassandra Rios. [Dissertação]. Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2020. 129p.
- Silva, G. L. C. Corpos penetrantes e masculinidades: um estudo crítico às práticas patri(viri)arais. [Dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2017. 169p.
- Silva, M. A. Masculinidades na cena do Grupo Magiluth de Teatro. [Dissertação]. São Paulo: Universidade Estadual Paulista. 173p.
- Sousa, M. C. L. Violência de gênero e cidadania feminina: análise dos casos acompanhados pelo Núcleo Multidisciplinar Maria da Penha do Tribunal de Justiça do Piauí. [Dissertação]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011. 103p.
- Teixeira-Filho, F. S. Rondini, C. A. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade*, 2012, v. 21, n. 3, p. 651-667. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000300011>
- Téllez, A. M. B. ¿Qué es y cómo vivimos el género los sectores populares?: Apuntes y reflexiones desde las voces de lideresas y lideres populares de cinco regiones de Colombia. Bogotá: Planeta Paz, 2017.
- Tokuda, A. M. P. Masculinidades e Psicologias nos trabalhos com grupos de homens autores de violências contra mulheres. [Tese]. Assis: Universidade Estadual Paulista, 2020. 375p.
- Toledo, L. G. “Será que eu tô gostando de mulher?”: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista. [Tese]. Assis: Universidade Estadual Paulista, 2013. 434p.
- Toledo, L. G. Teixeira-Filho, F. S. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2010, dez., v. 10, n. 3, p. 729-749. <https://doi.org/10.12957/epp.2010.8910>
- Viana, F. C. Singularidades contemporâneas do masculino na publicidade impressa. [Tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. 225p.
- Vogel, L. H. Sistema Viriarcial e Violência Contra a Mulher: abordagem integrada das desigualdades. *Estudos da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados. Brasília, Câmara dos Deputados*, 2018. Disponível em: <<https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/35980>>.
- Welzer-Lang, D. La Crisis de las masculinidades entre cuestionamientos feministas y crítica contra el heterosexismo / Maskulinota-sunen krisiak: zalantzan jartze feministen eta heterosexismo-aren kontrako kritiken artean. *Congresso Internacional: Los hombres ante el nuevo orden social. Vittoria, Emakunde, Institut vasco de la mujer*, 2002, p. 53-76.